

RESUMO

PARA OS ANAIS DO XXIV CONGRESSO NACIONAL DA AJB

Título:

Complexo Cultural, Alma Brasileira e Colonização: fronteiras entre o coletivo e o individual

Autor

Humbertho Oliveira (humbertho@alternex.com.br)

Médico (UFRJ). Analista Junguiano (AJB/IAAP). Professor da Pós-Graduação em Psicologia Junguiana (UNESA). Editor dos Cadernos Junguianos (revista anual da AJB). Coordenador dos Departamentos de Estudo e Pesquisa da Alma Brasileira e de Publicação (AJB). Organizador e autor dos livros “Corpo Expressivo e Construção de Sentido” e “Mitos, Folias e Vivências” (Bapera&MauadX). Criador da “Oficina de Conhecimentos e Vivências Míticas”.

Neste estudo, parto de algumas visões de Jung a respeito do “Outro”, apontando suas complexidades em nível da psique individual e suas particularidades relacionadas à psique coletiva. Para Jung, o crescimento só é possível se o individual e o coletivo puderem ultrapassar suas contradições. Aqui busco olhar na direção dessas fronteiras, apontando algumas de suas demarcações e de seus elos. Considerando concepções de Jung a respeito da importância da consciência e de sua íntima relação com a transformação, apresento a busca de consciência como o caminho fundamental da “cura” dos males advindos da distância entre indivíduo e mundo.

Trato, aqui, de tematizar alguns aspectos da relação entre sociedade, cultura e indivíduo. Segundo Walter Boechat, traçar correlações entre essas dimensões se

faz premente para que possamos cuidar da aproximação entre os povos, entender os fenômenos em rede na sociedade da informação, superar o egocentrismo típico da modernidade e da tradição ocidental em geral. E acrescento: para que possamos construir efetivas irmandades nesse mundo violentamente desigual e para que possamos impedir a crescente destruição de ‘nossa mãe’ Terra.

Refiro-me, neste contexto, ao conceito de inconsciente cultural (criado por Joseph Hendersen, a partir de aportes do próprio Jung) e ao conceito de complexo cultural (apresentado por Thomas Singer e Catherine Kaplinsky, entrelaçando a visão acerca dos complexos e a noção de inconsciente cultural). Os complexos culturais se referem aos eventos históricos que marcaram uma coletividade e se entranharam nas psiques individuais dos membros dessa coletividade. Para dar visibilidade ao conceito de complexos culturais, cito um estudo feito por Singer e Kaplinsky sobre os complexos culturais do “ocidente” e do “oriente”: a arrogância e grandiosidade, por um lado e o desespero e a autodestruição, por outro.

Ensaio um levantamento de complexos culturais brasileiros, utilizo um estudo de Leonardo Boff, o reconhecido teólogo, um dos principais responsáveis pela edição das obras de Jung aqui no Brasil e membro honorário da IAAP; ou seja, um renomado junguiano. As quatro sombras que atingem a realidade brasileira, segundo Boff, são aquelas que estão relacionadas ao nosso passado colonial, ao genocídio indígena nestas terras acontecido, à escravidão duradoura e à corrupção histórica. Essas quatro sombras nos forneceu, neste ensaio, excelentes referências para o estudo de alguns de nossos complexos culturais, tais como: a dominação, a crença de que só estrangeiro é bom, a dificuldade em conviver com o diferente, a intolerância e a negação do outro, a instituição mental da casa- grande-senzala, o servilismo, o autoritarismo, o privilégio substituindo o direito, o bem particular substituindo o bem de todos, o interesse em obter sempre vantagens, o jeitinho brasileiro, o hábito de burlar

as leis, a prática constante dos subornos, a justificativa empenhada na sonegação de impostos, a aceitação de trocos errados, o não cumprir dos deveres...

Trato também, neste trabalho, de esboçar caminhos de “cura” relacionados aos males advindos destes complexos culturais. Primeiro, referindo-me à teoria da consciência, em Jung, resalto o papel da consciência como o fundamental caminho de “cura”. Abordo: o formar da consciência; o tomar a vida nas próprias mãos; o irmanar-se com outras consciências; a vontade de potência; a transformação; a retirada de projeções, a iluminação de sombras, o por o ego em conflito; a noção de consciência coletiva” e as questões associadas à política dos gêneros, das raças, das gerações, da intencionalidade corpo/mente; ou seja, desenvolvimentos de consciência, vindos do século XX, em relação as problemas da discriminação do “Outro”...

Apresento, por fim, como um outro caminho de “cura”, aquele que poderia advir de um ‘mergulho’ na “Alma Brasileira”, nessa complexa brasilidade ainda em fase de nascimento e autoconstituição, possuidora de uma diversidade étnica em diferentes regiões geográficas, rica de sincretismos, plural em suas identidades. Este ‘mergulho’ resultaria num melhor entendimento de nós mesmos, na descoberta de dimensões presentes mas ainda ocultas à consciência coletiva, numa contribuição ao devir de uma humanidade planetizada.

Sugiro, que este ‘mergulho’ passe essencialmente pelo encontro com a mítica da cultura popular, aquela forma de criação advinda das “camadas artesanais” da sociedade (Walter Benjamin), enfatizando sempre os valores da autonomia e da prática do bem-comum. A cultura popular viria de “debaixo do barro do chão” (Dominginhos), se mantém criando mitos continuamente e nos oferecendo a perspectiva da vivência mítica. São tantas e tão ricas as criações da cultura

popular. Os bumba-meu-bois, as folias de reis, as congadas, as catiras, os reisados, os pastoris, os jongos...

Dentre as múltiplas e riquíssimas criações mitológicas da cultura popular brasileira, uma das mais originais e decantadas é a figura do Saci-pererê: um brasileiro primo-irmão do Ossaim (divindade africana), aparentado com o Yací Yaterê (figura indígena) e da família do Fradinho da Mão Furada (duende português). Aqui, neste contexto, avanço um pouco sobre as concepções acerca da figura do Saci, já que na perspectiva da necessidade de vivenciar as insurgências da vida, inventamos, ao longo de três séculos, um moleque danado que, segundo Monteiro Lobato, “não tem maus bofes, (...) o que quer é divertir-se à custa do caboclo e quebrar a vida monótona do sertão”. Faço relações psicomitológicas ao *puer* e ao *trickster*, aos Erês e aos Exus, me apoiando em estudiosos da mitologia do Saci, tais como: Maressa Vieira, Julia Martins, José Bairrão, Sônia Lages.

Apresento o Saci, neste estudo, por um lado, como uma imagem do devir criança, a imagem da responsabilidade arquetípica de fazer com que possamos nos apropriar daquilo que é novo e desse novo captarmos a esperança de transvalorar todos os valores, como quis Nietzsche. Por outro lado, apresento-o como o retrato do vigor espiritual capaz de sacudir-nos aquela tendência preguiçosa, aquela vontade de paraíso, de absoluto e aquele passivo desinteresse em implicar-se com o “Outro”.

Concluo esse estudo convidando o ouvinte/leitor a trilhar o caminho de “cura” de nossas feridas sociais através da militância em relação às causas étnicas, procurando repará-las concretamente no mundo. Ressalto especialmente a causa da demarcação das terras indígenas, apresentando um importante chamado, atualíssimo: “Demarcação Já!”.

Lista das obras consultadas

Carl Gustav Jung. "Aion – Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo".

Carl Gustav Jung. "Memórias, Sonhos e Reflexões".

Carl Gustav Jung. "Natureza da Psique".

Friedrich Nietzsche. "Assim Falou Zaratustra.

Joseph Hendersen. "Cultural attitudes in psychological perspective".

Julia Ritez Martins, José F.M.H. Bairrão. "A criança celestial: perambulações entre aruanda e o inconsciente coletivo". Em "Fractal: Revista de Psicologia.

Leonardo Boff. "As quatro sombras que afligem a realidade brasileira". Em "Jornal do Brasil".

Maressa de Freitas Vieira. "O saci na tradição local no contexto da mundialização e da diversidade cultural". Em Teses da USP.

Monteiro Lobato. "O Sacy-Pererê: Resultado de um Inquérito".

Sônia R. C. Lages. "Exu - o *puer aeternus*". Em "Rubedo: Revista de Psicologia Junguiana e Cultura.

Thomas Singer, Catherine Kaplinsky. "The Cultural Complex". Em "Jungian Psychoanalysis: Working in the Spirit of C. G. Jung".

Walter Benjamin. "Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política",

Walter Boechat. "Complexo Cultural e Brasilidade". Trabalho apresentado na II Jornada da AJB: "Alma Brasileira: revisitando nossas raízes".